

Preços d'assignatura:

Para a cidade, por anno rs. 1\$200 — Semestre 600 rs. — Provincias: — Por anno rs. 1\$300 — Semestre 750 rs. (franco de porte.) Anuncios e correspondencias de interesse particular 20 rs. por linha, repetição 10 rs.

NUMERO AVULSO . . 30 rs.

# II FUTURO II

SEMANARIO RELIGIOSO, POLITICO E NOTICIOSO

DEDICADO PELA MOCIDADE Á CAUSA DA PATRIA

Advertencias:

Assigna-se e vende-se na rua Nova n.º 3. Não se recebem assignaturas por menos de seis mezes as quaes serão pagas adianta-las.

Toda a correspondencia deve ser dirigida franca de porte. á redacção do FUTURO, rua de D. Pedro 5.º n.º 13.

3.º ANNO

PUBLICA-SE ÁS SEXTAS FEIRAS

NUMERO 142

BRAGA 3 DE DEZEMBRO DE 1873

O dia 1.º de Dezembro n'esta cidade.

Não ha pagina mais brilhante na historia contemporanea do povo bracarense que a solemne commemoração da restauração da nossa patria em 1640.

Desde a tocata que no dia 30 de novembro, vespera do grande dia commemorativo, até ao theatro, onde se representára o drama — *Os dous Proscriptos* —, tudo foi alegria, enthusiasmo, satisfação, delirio

No dia 29 de novembro, a commissão reunida, felicita por meio d'uma carta e d'uma proclamação impressa em seda branca a Commisão do 1.º de Dezembro, inaugurada em Lisboa, a qual felicitação e proclamação foi lida e enthusiasmicamente applaudida, segundo dizem os jornaes da capital.

As 8 horas da noite, do dia 30 de novembro, sahiu das Carvalheiras, uma linda serenata escholastica, composta de trinta e tantos tocadores, e tocou unica e exclusivamente os hymnos escholastico e da independencia, ás portas dos ex.ºs administrador do concelho, governador civil Arcebispo Primaz, presidente da camara, director das obras publicas, coronel do regimento 8, etc. etc.

Acompanhavam a tocata mais de duas mil pessoas; iam todos os estudantes saudando o dia 1.º de dezembro com freneticos e enthusiasmos brados e vivas á independencia de nossa patria.

Ao romper d'alva ouviram-se as salvas de foguetes e o repicar dos sinos em todas as igrejas da cidade e o enthusiasmo hymno da Independencia executado ao mesmo tempo por quatro bandas marciaes tres das quaes eram á custa do corpo escholastico e a outra era a expensas dos habitantes da rua Nova de Souza, os quaes além d'isto embandeiraram e illuminaram o arco da Porta Nova. Era d'um effeito maravilhoso todas as musicas juntas a tocarem o hymno da Independencia!

Ao meio dia repetiram-se egnaes demonstrações de jubilo e enthusiasmo e espalhou-se por toda a cidade uma proclamação assignada pela commissão encarregada dos festejos pelos estudantes, e que occupa o segundo logar nos artigos do nosso jornal.

As tres horas da tarde deu-se principio á cerimonia religiosa na Sé Cathedral, em acção de graças ao Eterno, pela nossa restauração, e conservação da Independencia. O templo estava deslumbrante; vistosamente adornado de cobertas de damasco, bandós de seda, galhardetes, bandeiras, emblemas com a epocha da nossa resurreição nacional. No arco da capella dos conegos estavam as armas portuguezas, e a capella estava lindamente engraçada pela armação de bandeiras, bandós de seda, etc. etc. Nunca esta magestosa Cathedral se achou vestida de tão esplendidas e festivas galas. Quando S. Ex.ª R.ª se achava no solio, e todas as auctoridades ecclesiasticas, civis, judiciaes e militares tinham occupado seus logares, subiu ao pulpito o Padre Marnoco e recitou uma Oração, onde se esforçou por despertar o enthusiasmo, a dedicação e o amor patrio. Serviu-se d'um texto do propheta Joel, do cap. 1.º v. 3 *Contae isto a vossos filhos, e vossos filhos que o digam a seus filhos e estes aos que d'elles nascerem, e assim vá de geração em geração;* depois desafiando d'este texto a resposta que elle exigia, derivou da pergunta naturalmente saída do texto: *que heide eu dizer, que heide eu contar a vossos filhos?* o seguinte assumpto: digo-vos o pensamento de minha alma, alma de sacerdote e portuguez, conto-vos os sentimentos d'um coração que não rende cultos senão ao Deus dos op-

primidos, ao Redemptor da humanidade, que é tambem o Deus da minha patria, que a salvou, redemiu e glorificou, e este pensamento e este sentimento que eu vos quero dizer e contar a vossos filhos porque elles o digam aos seus e assim successivamente, é que: a restauração da nossa patria, considerada em si mesma, foi um acto de justiça nacional e uma recompensa do ceo — 1.ª parte; a restauração da nossa patria, considerada em sua solemne commemoração é um acto conservador de nossa Independencia e uma benção de Deus — 2.ª parte

O orador desempenhou este assumpto tanto quanto o permittiram suas forças e o limitadissimo tempo de dez dias incompletos que teve para o estudar e desenvolver. Acabado o sermão, S. Ex.ª R.ª entoou o *Te-Deum laudamus* que foi magistralmente executado a musica instrumental e vocal, pela excellente orchestra dos snrs. Paiva e Luiz Paptista.

No fim do *Tantum-ergo* e da benção a musica do regimento 8 que estava na guarda de honra, postada á porta da Cathedral, bem como as outras tres bandas de musica que estavam portas a dentro, executaram ao mesmo tempo o hymno da independencia. Ninguém faz ideia do enthusiasmo que despertou em todos que alli se achavam, as musicas tocando a um tempo o hymno de nossa restauração. Depois que se retiraram as auctoridades, a Commisão á frente d'uma banda de musica percorreu as ruas do Souto, S. Marcos, e em clamorosas vivas á Independencia da patria, ao Snr. Arcebispo Primaz, Governador Civil, Administrador, parou á porta de todas estas auctoridades, terminando as suas aclamações á porta do theatro onde estavam postadas todas as musicas.

O theatro estava litteralmente cheio de gente, lindamente adornado, e esplendidamente illuminado. O drama foi dignamente desempenhado, havendo nos intervallos dos actos recitação de poesias, hymnos, vivas, e freneticas aclamações. Em seguida publicaremos as poesias que se recitaram. No fim do drama o presidente da commissão escholastica encarregada dos festejos do 1.º de Dezembro, entregou no palco ao snr. Cunha Vianna, dignissimo secretario da nossa commissão, um bouquet de flores artificiaes, o qual levava a seguinte dedicatória:

*A Commisão dos festejos do 1.º de Dezembro offerece dedica e consagra ao snr Cunha Vianna, distincto poeta, insigne litterato, em testemunho de muita amizade, reconhecimento, sympathia e gratidão.*

Na quinta feira, dia 4 de Dezembro, houve uma missa pelos que fizeram a restauração em 1640.

A commissão escholastica vestia capa e batina á academica. Dezejavamos possuir talento para descrever dignamente o enthusiasmo, o esplendor de tantos festejos

Remetemos os nossos leitores para os jornaes da cidade e de fóra onde poderão ver o que aqui lhes não podemos dizer como juiz em causa propria.

Honra e gloria á mocidade escholastica que deu o exemplo mais edificante de patriotismo!

Honra e gloria á mocidade escholastica que não esqueceu o legado sacratissimo de seus maiores, mas antes o conservava intacto, reanimando a fé, brios e valor!

Honra e gloria á mocidade escholastica, que não deixa apagar um só ponto d'este testamento venerando de seus paes!

**Dia 1.º de Dezembro de 1640, salve!**

Eil-o que irrompe, tocado de esplendidas flores, d'entre as doiradas nuvens do horizonte!

Eil-o que resurge mais formosissimo,

mais venturoso que nunca, para laurear a fronte bellicosa da gentil criança de Ourique, do gigante de Aljubarrota, do altivo senhor dos mares!

O dia 1.º de Dezembro de 1640, assignado com caracteres d'oiro nas brilhantissimas paginas da lusa historia, refulge bello, grandioso e sublime entre os peizados negrimes de tyrannica oppressão, sem que o roçar de duzentos e trinta e tres annos, que se escoaram na enorme ampulheta do tempo, lhe tenha sequer apagado uma scintilla da sua immensa luz.

Que doloroso e profundo sentimento se apossa de nós quando, volvendo os olhos para o passado, descobrimos o venerando velho do occidente, o apostolo das Indias, com os pulsos manilhados por gramalheiras de ferro, a fronte, outr'ora soberana, pendida para o chão, os olhos rasos d'agua, o rubor da vergonha nas emmagrecidas faces!

O' nobreza de 1580! O' sombra maldita de aguerridos e honrados avós! como podesse esquecer honra, brio e pundonor, entregando ao vulto sombrio e hypocrita do Escurial a tua espada, essa espada que traçou heroicos poemas no marmore, na terra, no azul dos mares?! essa espada, que nos palmares da India, onde vive o chagal e o leão, ennobreceu um Massinga, illustrou um D. Luiz d'Athayde, immortalizou um Duarte, um D. João de Castro?!

Que fizeste da tua patria, nobreza de 1580? Onde escondeste a tua consciencia? Quem te corrompeu, nobreza de 1580? O oiro d'um assassino, as cedulas do filho de Carlos 5.º?!

E tu, heroico defensor de Diu, tu, que em meio dos bastiões derrocados, á frente de poucos soldados, semelhavas o anjo do exterminio, tu, D. João de Mascarenhas, velho de longas e brancas barbas, tambem curvas a cabeça ante *Filippe*, tambem estendes a mão implorando o premio da tua infame traição?!

Foi durante os 60 annos de infamante captivo que o berço glorioso do Heroe portuguez, adquiriu força, valor e coragem para esmigalhar o jugo e a tyrannia feroz do conde duque de Olivares. No dia 31 de Novembro João Pinto Ribeiro e mais quarenta fidalgos conjurados, reunidos com o maior sigillo e prudencia na casa do conde d'Almada, planejaram, pela ultima vez, a empreza arrojada que devia dessoldar do carcere, onde estava chumbada, a rija cadeia que a ella acorrentava um grande povo.

Desponta o dia 1.º de Dezembro: os conjurados, de espada em punho, arremessam-se d'encontro ao palacio da vice-rainha, e o povo, cheio de ardentissimo enthusiasmo, esmaga as forças castelhanas! Já não é uma scintilla — é chamma intensissima! Já não é lava — é vulcão! não é conjuração — é guerra ingente, gigante e pavorosa! não é um povo que se arrasta entre ferros e grilhões — é uma nação que se levanta forte, energica, desesperada para bradar aos quatro ventos: **LIBERDADE! LIBERDADE!**

E este grito jubiloso, levado nas azas pandas do vento, foi echoar como um hymno de triumpho, em todas as cidades, villas e aldeias!

E o ceo, até ali obumbrado de nuvens, apresenta-se todo azul, todo sorrisos, todo esperanças, todo venturas!

E a voz do canhão, ribombando nas fortalezas, saudá o nosso despertar! e as Quinas, as sacrosantas Quinas, tremulam independentes nas torres, nos outeiros, nas montanhas do nosso Portugal!

E o sol, o olho enorme e esplendoroso da criação, sobe as raiaes do horizonte, e innunda de luz um povo livre, livre, para sempre livre; porque, enquanto a vida nos animar o corpo, enquanto das nossas fortalezas restar uma pedra, seremos sem-

pre livres como a setta que rasga os espaços, ou como a aguia que devassa os Andes!

N'um dia tão solemne, tão festival nenhum portuguez deveria ficar silencioso; por isso o corpo academico d'esta cidade, auxiliado pelo publico bracarense, resolveu festejar-o do seguinte modo:

Ao romper da manhã, ao meio dia e á noite, percorrerão as ruas da cidade tres bandas de musica tocando os hymnos da Independencia e nacionaes, e queimar-se-ha grande quantidade de fogo. Na tarde d'esse dia cantar-se-ha, na Sé Primacial, um solemne *Te-Deum* a grande instrumental. Na quinta feira, 4, dir-se-ha uma missa funebre, na igreja dos extinctos Congregados, por alma de João Pinto Ribeiro e dos quarenta fidalgos que entraram na gloriosa conjuração do 1.º de Dezembro.

A Commisão convida a nobre classe estudiosa e todos os habitantes d'esta cidade sem distincção de côr politica, para assistirem a esta festa verdadeiramente nacional.

A Commisão tambem pede aos habitantes d'esta cidade, que illuminem suas casas na noite d'esse dia.

## Commissão

Presidente — Manoel Ferreira Marnoco e Sousa.  
Secretarios — Antonio José da Cunha Vianna.  
João Gomes d'Oliveira Guimarães.  
Thesoureiro — Alberto Carlos Leite Pereira.

## Vogaes

Antonio Joaquim Gonçalves Sanches  
Antonio José Perre  
Antonio Augusto Pereira  
Antonio Manoel dos Ramos  
Antonio Augusto Gomes Ramos  
Antonio Bernardo Monis Arriscado  
Agostinho Pereira da Silva Guimarães  
Albano Augusto de Sá Lima  
Francisco da Costa Calheiros  
Francisco Maria Pereira d'Araujo  
João da Costa Pereira da Motta  
João Luiz da Motta Abreu  
José d'Azevedo Vasquinho  
José d'Annunçiação Pinto  
Luiz Antonio Pereira Loureiro  
Luiz Martins da Costa  
Manoel José da Silva Bacellar  
Manoel Correia de Castro Feijó  
Manoel Vieira da Cunha  
Manoel Maria de Sousa Cruz Vieira.

## Ao dia 1.º de Dezembro de 1640

Eu não venho pedir vossas palmas  
Para a minha canção festival;  
Só vos peço escuteis bem attentos  
O que digo do meu Portugal.

Portugal é a patria dos grandes  
E' a nobre das nobres nações  
Portugal é brilhante na história  
E' a patria do grande Camões.

Carthagenos, romanos e mouros  
Não lhes vale em seu peito o arnez  
Nossas armas são duras, são fortes  
Como é forte qualquer portuguez.

Dias tristes, penosos houveram,  
Portugal a cabeça curvou,  
E os grilhões da perfida Castella  
Sobre os Luzos o infame apertou.

Portugal de soffrer já cansado,  
Liberdade ao seu Deus vae pedir,  
Sua prece tam nobre, tam santa,  
Vinde todos, senhores, ouvir:

« Já d'Oriente os povos não nos temem,  
« Eis Portugal no mundo hoje olvidado,  
« Nem temos já quem cinja a regia c'roa,  
« De nossos reis o sceptro 'stá quebrado!

« Outr'ora tão valentes, tão possantes  
« Dos povos nosso ferro era temido!  
« Hoje... nem tem já força nossas armas  
« Nosso braço repousa entorpecido!

« De estranhos nos apertam as cadeias,  
« Soffrer não póde mais o Lusitano!  
« Liberdade, Senhor, mandae do Empyreo  
« Roubae-nos ao poder do Castelhana!

E de Henrique o Deus poderoso  
Ouviu logo os filhos seus  
Em seu throno portentoso,  
Escutou-nos lá dos ceos,  
Disse, aos Luzos esforçados,  
Aos guerreiros denodados:  
« Ide! Vencei outra vez.  
« Chamae el-rei D João,  
« Arvorae vosso pendão,  
« Gloria ao povo portuguez!

De Portugal a nobreza  
Eil-a toda alvorotada,  
Pois que a Patria 'stava preza  
Cumprira ser libertada  
Surgiram fortes guerreiros,  
Denodados cavalleiros  
N'esta Patria tam leal,  
E, guiados da Providencia,  
Bradam: Viva a Independencia  
Viva o nosso Portugal!

J. Azevedo.

Ao dia 1.º de Dezembro de 1840

Quebrou-se em fim o jugo! e o povo escravidado  
Já vê seu estandarte aos ventos tremulando...  
e, raivoso, caminha aos campos da peleja  
os homens de Castella aos pés sempre calcando!

Oh! salve grande dia, excelso e venturoso!  
em que nós sacudindo o ferro castelhano  
mostramos quanto pesa a folha d'uma espada,  
que empunha fortemente o braço luzitano!

Hoje a independencia e a liberdade santa  
façamos por suster na patria de Camões,  
façamos com que o luzo heroico torrão nosso  
consERVE aurifulgente o brilho dos brasões!

E se elle, o Castelhana, a sombra de Phillippe,  
a luva arremessar ao povo portuguez,  
lancemos novamente a mão ao letal ferro,  
façamol-o morder o pó inda outra vez!  
Gaspar Leite.

#### Noticias d'Eubach.

Sabemos que o Senhor D. Miguel II partiu para a Bohemia, onde seu tio o Principe de Louveinstein possui grandes possessões. Tanto Elle como Sua Augusta Mãe e mais familia gosam boa saude. Tres das Senhoras Infantas acham-se em Eubach, em casa do Principe de que acima fallamos e em casa do qual se achava de visita, o Principe bavaro, irmão da imperatriz d'Austria, o qual vai casar com a terceira das nossas Infantas; a outra d'estas Senhoras, a mais nova, está em Mogúncia, n'um collegio.

Um *Catholico Brasileiro*, que nossos leitores já conhecem envia o seguinte bello artigo

#### AOS CATHOLICOS

da sua patria.

« A Igreja brasileira entra em uma epocha critica e perigosa. A perseguição religiosa está imminente; o cartel de desafio já foi lançado.

Não se illudam os catholicos brasileiros. Cada um esteja preparado para trabalhar e fazer sacrificios.

Trata-se da defeza da nossa fé, da conservação da religião que nos legaram nossos paes, e que devemos passar intacta aos nossos filhos.

Apparelhem-nos com as armas que a nossa santa religião nos ensina a manejar. Armemo-nos com a oração, com o escudo da verdade. Levantemos a voz em defeza de nossos direitos; mostremos que no terreno da justiça e do direito seremos invenciveis, como é a religião em que nascemos, como é a fé em que fomos baptisados, como é a santa Igreja romana a que temos a ventura de pertencer.

N'esses limites, que não nos é licito exceder, trabalhemos, mostremo-nos dis-

postos a fazer toda sorte de sacrificios, offerecendo em defeza das nossas crenças tudo o que podermos. Os nossos haveres, o nosso repouso, a nossa honra exterior, a nossa propria vida, se tanto nos for exigido, tudo devemos sacrificar na defeza do nosso maior thesouro, o deposito da nossa fé, da fé dos nossos paes, da fé dos nossos concidadãos, da fé que tem feito da nossa patria uma nação respeitavel aos olhos do estrangeiro.

Entramos em um d'esses periodos em que, como dizia Tertuliano, *Omnis homo miles*.

Sustentando a nossa religião, sustentamos a constituição que a proclamou religião do Estado; sustentamos a unidade e a integridade da nossa patria, sustentamos os seus brios, sem desmentir o seu passado.

Fóra da religião catholica, apostolica romana não ha felicidade para a nossa patria.

Fiquemos persuadidos de que não ha outra Igreja verdadeira que a catholica romana, fundada por Nosso Senhor Jesus Christo, que foi hontem, é hoje e hade ser sempre o mesmo. Não nos é licito acrescentar nada, nada diminuir ao ensino d'essa Igreja.

Tentar modificar o ensino d'essa Igreja para accommodal-o ás nossas paixões ou aos nossos interesses momentaneos, é uma loucura.

Esse ensino é divino, essa Igreja é santa; se o homem lhe põe as mãos, já não temos a doutrina e a Igreja de Christo, temos mais uma seita humana acrescentada ao grande numero das seitas inventadas pelo orgulho e pela concupiscencia dos homens.

Deus não nos hade julgar pelas constituições politicas, que mudam, nem pelos pareceres dos conselhos de Estado, que transigem, nem pelas opiniões do seculo, que enganam, nem pelos costumes, que a moda traz e leva, nem pelos jornaes que vendem opiniões segundo o cambio da praça.

Deus nos hade julgar pelo Evangelho que contém a verdade imutavel e eterna; pelo ensino da sua Igreja a quem deu poder de ensinar ao mundo aquella verdade.

O Papa, a quem Jesus Christo confiou exclusivamente a missão de confirmar os fieis na fé, deve ser respeitado e obedecido como Papa, os Bispos como Bispos, o sacerdote como sacerdote, o irmão como irmão.

Fóra d'essa união só existe a anarchia religiosa e a tyrannia sobre as consciencias; fóra do centro onde está a cadeira de Pedro só existe a dissolução e a morte da fé.

A lei de Deus, os dogmas de sua Igreja os preceitos ecclesiasticos devem ser cumpridos. Quem acreditar e obrar será salvo, quem tomar como regra de sua fé os decretos do governo temporal, os discursos dos parlamentos, os artigos dos jornaes, os gritos dos tribunos das praças, por elles será julgado.

A verdade deve ser dita sem reboço. Como o bem, para que ella produza todos os seus fructos, deve ser completa: *Bonum ex integra causa*.

As meias verdades ás vezes produzem igual ou maior damno que a propria mentira. A verdade disfarçada na realidade não é outra cousa que a mentira: *Malum ex quocumque defectu*.

O governo do Brazil enceta a sua marcha pela senda que trilham os governos prussiano, suizo, italiano, e hispanhol; acompanha a todos os governos dominados pelo espirito das seitas maçonicas.

Faz mais do que elles. Nem Cavour, nem Bismark, nem Zorrilla, nem o conselho federal suizo, que nos conste, beatificaram a maçonaria em documentos officiaes.

Mandavam-no fazer pelos seus jornaes. Recebiam o programma politico das lojas. Mas ou fosse hypocrisia, ou fosse tactica maçonica, ou fosse o proprio decoro nunca definiram officialmente a innocencia e a beatitude das sociedades secretas.

O governo do Brazil porém, maçonico pela cabeça, constituiu-se Mestre infallivel da rectidão dos actos da maçonaria, e *ex cathedra* absolveu-a e canonizou-a em um documento official, na resposta que deu ao Sr. Bispo d'esta diocese.

Não dissemos bem. A resposta que no aviso de 12 de Junho a maçonaria deu, não foi ao Sr. Bispo D. Vital. Foi ao chefe supremo da Igreja, foi a esta mesma Igreja, foi ao episcopado brasileiro, foi a dez milhões de catholicos espalhados por toda a superficie do Brasil.

Temos pois o primeiro edito da combinada perseguição aos catholicos.

Ou confessaes que esse poder espiritual, em cujo nome obraes, me é subordinado; ou declaraes que a vossa consciencia se governa pelos meus decretos, ou então suspensão, cadeia, desterro....

Não ha outro Deus que Cesar. *Nom habemus Deum, nisi Caesarem*.

Eis aqui a intimação dos judeus do maçonismo.

Que responderão os successores dos Apostolos? Darão como Christo o testemunho da verdade: *Testimonium perhibeam veritati*. E a verdade salvará a nossa patria das garras da revolução maçonica.

#### Questão maçonica do Brazil

Discurso do sr. Dr. Candido Mendes nas cortes do Rio de Janeiro.

(Continuação)

O phenomeno é tão repetido que o vemos reproduzido em Pernambuco, aqui e em outros pontos do imperio, e ainda no estrangeiro, e até parece que se faz do sambenito gala. Comtudo não deixa de ser importante. E farei sobre isto algumas considerações.

Desde, sr. presidente, que a questão se colloca entre Hiram e Jesus, não se tornando possível o amplexo de Victor Hugo. a preferencia do maçon em geral é dada ao primeiro. Não é caso raro, porquanto já outr'ora na Judeia assim se praticou. O catholico tibio, que nada vê na religião da verdade senão motivos de censura, os dogmas irracionaes e absurdos, a historia mentirosa e ridicula, o clero desprezível e fanático, que nem em theoria nem em pratica revela a mais pequena disposição para cumprir seus preceitos; iniciado na maçonaria, lobrigando a verdadeira luz, descoberta por Carpocrate, como diz com muito acerto a *Bibliotheca maçonica*, torna-se outro homem, regenerado n'aquellas aguas.

Difficil em acreditar nas doutrinas do catholicismo, aceita todas as elocubrações da Ordem; a historia a mais absurda e abundante de extravagantes antiguidades que a critica historica a menos severa reprovava, aceita-se como a expressão genuina da verdade; homens serios acolhem com impagavel gravidade os abstrusos e ridiculos segredos das lojas inferiores, e revestem-se e adornam-se com pomposos titulos, que usados na sociedade commum, sujeitaria ás penas de menoridade; em summa, sr. presidente, o catholico tibio e desleixado torna-se um maçon fervente, empridor exacto de qualquer preceito, ainda o de menor alcance; amigo dedicado de seu novo irmão, capaz de lhe dar sua bolsa e vida; e quanto á loja zeloso em extremo do su augmento e influencia, e portanto acerrimo propagandista.

O mesmo sacerdote catholico, sr. presidente, a entidade a mais repugnante á seita, sobre quem despejasse como em caixão, todas as amenidades e dogmas que a mansa e elevada doutrina da Ordem concentra para sua defeza, de fanático, hypocrita, obscurantista e jesuita, etc., a ultima é a maior fineza; se chega a receber em cheio aquella luz regeneradora, transformam-se de repente em um compendio de virtudes, e portanto habilitado a gozar dos epithetos encomiasticos de que tanto abunda o thesouro da Ordem. Se se trata de proteger a um irmão, diz-se, a Ordem é incansavel e generosa; e nós, sr. presidente, vimos no anno passado como o respeitavel Bispo d'esta diocese tragou por muito tempo o calix da amargura, vilipendiado nos jornaes por haver desajeitadamente cingido, faltando com certa deferencia a um dos irmãos mais predilectos da Ordem. Os prelos gemeram por muito tempo e repercutiram nas provincias narando as virtudes e milagres d'esse eximio consocio. Qual a causa d'este pasmoso phenomeno?

Entretanto sr. presidente, ha exemplos, raros sem duvida, de maçons, que dado o conflicto, preferem Jesus a Hiram, e exemplos bem notaveis que deviam concorrer para abrir os olhos de muitas pessoas de boa fé, que foram atrahidas ás lojas. Lembrarei entre outros, sr. presidente, o exemplo de O'Connell, o famoso agitador irlandez, que fóra iniciado em uma loja, e suppunha não resultar d'ahi nenhuma offensa á santa religião que professára. Mas logo que foi informado do contrario, escreveu ao arcebispo de Armag o Dr. Froy, remettendo-lhe sua retractação, como depois elle mesmo confessou em uma carta publicada nos jornaes, em 1837.

Um exemplo mais recente temos no duque de Saldanha, a primeira gloria militar de Portugal, a valente espada que collocou no throno de Alfonso Henriques a actual dynastia. Não é só uma brilhante

espada, é um litterato mui distincto que honra as letras lusitanas, e tem em seu favor mais uma vantagem que deve fazel-o bem aceito dos adversarios do christianismo, corre-lhe nas veias o sangue do famoso marquez que illustrou seu nome perseguindo a Igreja. Pois bem, o duque de Saldanha iniciou-se na maçonaria, servindo n'ella por largo tempo, tendo occupado os graus mais eminentes, grão-mestre de maçonaria, grande plenipotenciario da Carbonaria e grande condestavel dos Templarios; em carta, que os jornaes publicaram, dirigida a José Joaquim dos Reis e Vasconcellos, em 14 de Setembro de 1872, fez completa renuncia, abjurou as doutrinas da Ordem e não recebeu o perjurio a Iram, e o immortal Pio IX foi quem o absolveu das censuras!

Mas os maçons de Pernambuco não se importam com taes exemplos, preferem perjurar a Christo do que a Iram, e ás admoestações do Bispo da diocese respondem com o desprezo e com a affronta. Querem e reclamam com arrogancia, não o beneficio da lei, a egualdade em materia de liberdade de consciencia, querem mais: o auxilio do braço secular (const. art. 102 § 14 e 179 § 5) contra o Prelado, nullificando as decisões pontificias, e tudo com o costumado condimento da Ordem, o caridoso remate de suas preces — *proscriptio dos jesuitas!*

Isto, sr. presidente, é inacreditavel em um paiz tão tolerante como o nosso.

O sr. Rodrigues Silva: — Apoiado.

O sr. Mendes de Almeida: — Essa reluctancia, essa resistencia opposta ás prescripções dos chefes da Igreja, é um phenomeno de que tambem se preocuparam os grandes doutores da fé, quando observavam a extraordinaria tibieza ou frouxidão dos fieis, em frente do fervoroso zelo dos pagãos, maxime quando se tratava das festas de Paphos, a commemoração dos mysterios de Adonis, de Cottyto, e de Atergatis, a famosa *Dea Syria* dos Romanos, e outras exhibições da mesma especie.

Um d'esses doutores, o grande Bispo de Hyppona, explicou o phenomeno por uma fórmula, que exporei ao senado, mas sem applicação á presente questão: apenas offereço como esclarecimento.

« Deus assim se exprime, pelo que me parece, quer fazer da nossa impiedade uma prova da verdade de nossa religião, pois é a unica de que o espirito do mal trata de corromper o culto e de enervar as praticas devotas. Porque a unica? Não é difficil imaginar a razão! Porque de todas as religões é a unica em que o verdadeiro Deus é adorado; e o interesse d'esse capital inimigo de Deus é que todos os outros cultos, embora falsos e supersticiosos, sejam religiosamente observados, por isso que são suas obras e porque é elle proprio o adorado ».

E. sr. presidente, os homens que se recusam tão formalmente a obedecer a seu pastor; e desprezam os preceitos da Igreja, querem exigir com a mesma tenacidade que se lhes guarde os foros de catholicos; rejeitam as obrigações e querem fruir os gosos, e irritam-se com extraordinaria violencia quando alguns de seus consocios, refractarios á Igreja, são privados por seu fallecimento das preces da religião e de sepultura ecclesiastica.

O sr. Vieira da Silva: — Então os maçons não podem ser sepultados?

O sr. Mendes d'Almeida: — Podem e devem ser sepultados, menos em cemiterio catholico, senão abjuram conforme as decisões da Igreja.

O sr. Vieira da Silva: — Isso é intolerancia.

O sr. Mendes d'Almeida: — Intolerancia seria a invasão do cemiterio para sepultar n'elle um heterodoxo, ou um catholico a quem a Igreja houvesse imposto essa pena.

O sr. Vieira da Silva: — E' superstição.

O sr. Mendes d'Almeida: — Tambem não é superstição, é um direito que tem qualquer religião, e quem usa do seu direito a ninguém offende e nem injuria. Os maçons e quaesquer outros religionarios têm tambem direito de construir seus cemiterios e sepultarem os cadaveres de seus irmãos ou co-religionarios com as ceremonias que entenderem convenientes. E' seu direito que deve ser respeitado por todos. Mas se os maçons não querem submeter-se ás leis e decisões da Igreja, com que direito exigem o sepultar-se nos cemiterios catholicos e com as preces destinadas aos fieis?

O sr. Vieira da Silva: — E' preciso fazer differença entre religião e Igreja.

O sr. Mendes d'Almeida: — Para a questão que se discute essa distincção não

aproveita. Nossa Igreja tem leis a que todos os catholicos devem sujeitar-se.

O sr. Vieira da Silva: — Os maçons não deixam de ser tão christãos como v. ex.<sup>a</sup>

O sr. Mendes d'Almeida: — Admitto que sejam christãos a seu modo, catholicos não: direi ainda mais que podem ser mais virtuosos do que eu, se v. ex.<sup>a</sup> appella para isso.

O sr. Vieira da Silva: — Não fallo da pessoa de v. ex.<sup>a</sup>

O sr. Mendes d'Almeida: — Quando aprecio esta questão á luz de nossa legislação e da publica conveniencia, acho que os maçons tem o direito de ser sepultados e com decencia em outros cemiterios, mas não em cemiterios catholicos...

O sr. Vieira da Silva: — Esta distincção é intolerante.

O sr. Mendes d'Almeida: — Só quem não conhece o valor de uma alma póde sesterar...

O sr. visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — Espero que os bispos não sigam a opinião de v. ex.<sup>a</sup>

O sr. Mendes d'Almeida: — ... que esta doutrina não é verdadeira.

O sr. visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — Isso é fanatismo. Espero que os prelados seguirão melhor caminho.

O sr. Mendes de Almeida: — V. ex.<sup>a</sup> é bastante intelligente, mas o orgulho não o deixa afastar-se dos arraiaes do erro.

O sr. visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — Qual! Pois eu hei de negar o que estou vendo, que a maçonaria no Brazil não é contraria á religião?

O sr. Mendes d'Almeida: — Eu faço votos para que v. ex.<sup>a</sup> entre outra vez no gremio da Santa Igreja Catholica...

O sr. visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — Asseguro que o que v. ex.<sup>a</sup> esta dizendo é contra a verdade.

O sr. Mendes d'Almeida: — ... lembrando-se do seu baptismo, da confirmação, e do seu juramento como deputado, como senador, como conselheiro de Estado e como ministro.

O sr. visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — Lembro-me tanto como v. ex.<sup>a</sup> do seu.

O sr. Mendes d'Almeida: — Se appella para mim, declaro que v. ex.<sup>a</sup> póde ser melhor catholico do que eu, tanto mais quanto não me reputo o homem que v. ex.<sup>a</sup> parece querer assignalar. Não conheço a minha modesta posição, e não faço outra cousa mais do que defender, e mal, a minha Igreja.

O sr. Rodrigues da Silva: — Muito bem.

O sr. Mendes d'Almeida: — A liberdade de consciencia, sr. presidente, consiste no seguinte: «Sou religionario de tal culto, tenho meu templo, devo n'elle ser mantido, assim como no uso das ceremonias da minha religião. Se ella exige para os mortos certa ordem de ceremonias funebres, diferentes de outros religionarios, tenho tambem o direito de poder d'ellas usar, direito que o governo deve garantir». Isto parece-me evidente.

Mas se pertenco a outra religião, ou pela minha estou privado de suas preces e de sepultura conforme a que tem os fieis que não delinquiram, não tenho direito para exigir o ser sepultado no cemiterio de outra religião, profanando-o, e portanto escandalizando aquelles cujo direito vou postergar com minha absurda pretensão. Ora, n'este caso estão os catholicos em relação aos apostatas e heterodoxos, e a fieis que, delinquindo, perderam o direito á sepultura ecclesiastica; tudo quanto se fizer em contrario é offensa ao direito dos catholicos, e a liberdade de consciencia por mais lata que seja, não vae até este ponto.

O sr. Vieira da Silva: — Isso é intolerancia.

O sr. Mendes d'Almeida: — Intolerancia e oppressão é querer que um apostata, um heterodoxo seja sepultado dentro de um cemiterio catholico.

O sr. Fernandes da Cunha: — Pois não se hade dar sepultura a quem a não tiver cemiterio?

O sr. Mendes d'Almeida: — Esta hypothese é impossivel, não falta no Brazil terrenos para se construir taes estabelecimentos e tão decentes como para os catholicos, e o governo civil deve dar cemiterio aos que não são catholicos.

O sr. visconde do Rio Branco (presidente do conselho): — Deixe os mortos descansar.

O sr. Mendes d'Almeida: — Não sou eu quem os perturba.

O sr. Fernandes da Cunha: — Não deo ficar insepultos?

O sr. Mendes d'Almeida: — V. ex.<sup>a</sup> desloca inteiramente a questão. Quem dessejará que os mortos fiquem insepultos? Tracta-se do direito dos que seguem a religião nacional. Por outro lado o Brazil terá tão pouco terreno, que não possa fazer para os maçons e outros que não tem direito á sepultura ecclesiastica, um decente cemiterio? Os inglezes tem o seu, onde se sepultam todos os protestantes, e não contestam com os cemiterios catholicos, todos vivemos em boa paz: assim como não ha um catholico que queira sepultar-se em cemiterio protestante. Pois bem, o meio de satisfazer a essa necessidade, não é invadir os cemiterios catholicos consagrados segundo o ritual da sua religião, mas construir-se um cemiterio para os que estão fóra do gremio da Igreja.

Hoje a excommunião catholica não se póde reputar no Brazil uma injuria, nem sujeita a penas temporaes; pois se não é uma injuria, não tem razão aquelles que nos querem impôr a obrigação de aceitar em nosso cemiterio um corpo de pessoa que não seguiu a nossa religião a pretexto de intolerancia. Os que não conhecem as doutrinas da Igreja podem, sob o ponto de vista naturalista, desconhecer o valor d'esta questão, e julgar impertinente a resistencia que fazem os catholicos a taes inhumações. Mas essa ignorancia, eu o espero, não terá forças para nos impor uma oppressão, com offensa de nossos degmas. O corpo do homem não é para o catholico cousa tão insignificante como para quaesquer outros religionarios, ora é isto o que não querem ver os que fazem tão pouco caso da questão funeraria.

O poder civil está obrigado a dar sepultura a todos, e sepultura decente, e a não deixar nenhum corpo insepulto. O que é realmente uma violencia á liberdade e á consciencia do catholico é dizer e sustentar o maçon, que hade ser sepultado, no cemiterio catholico, quer queiramos quer não. E' possivel que consigam seus desejos, mas asseguro-lhes, que com muita difficuldade. Entretanto o caminho direito é, o bom senso e a razão estão indicando, a liberdade para todos; n'esta materia tão grave, tão importante para o catholico, que sabe o valor das doutrinas de sua Igreja, o que os homens saturados de racionalismo não conhecem e não medem o alcance, tão cegos andam.

Esta questão é sem duvida mui seria para o catholico, sr. presidente, e é o que os outros religionarios, sobretudo os racionalistas, não querem ver. Ha uma distancia enorme entre o pensamento que dirige a criação do cemiterio catholico, e a de outros religionarios. O cemiterio catholico repousa sobretudo no dogma da resurreição da carne, d'ahi resulta o interesse que os catholicos tem por taes estabelecimentos, interesse que não póde ser o mesmo para os outros religionarios. O respeito pelos corpos mortos pertence essencialmente á nossa religião, a profanação do cemiterio catholico não é a mesma cousa que a de outro estabelecimento d'esta especie, onde aquelle dogma não tem valor. Desconhecel-o é ignorar a doutrina da Igreja, o que resulta do parecer do conselho de Estado na questão da Sapucaia.

«O dogma da resurreição da carne, diz Hornstein, inculcou na intelligencia do homem de fé a nobreza d'essa porção material de nós mesmos, que, posto que mortal e sujeita á corrupção do tumulo, será um dia associada ás immortaes prerogativas de nossas almas. Este destino final de nossos corpos, devendo, depois da consummação dos tempos, surgir da terra, fez considerar com justo titulo, o cemiterio christão como um campo semeado de preciosos elementos que desabrocharão nos esplendores dos ceos e formarão a feliz colheita dos eleitos».

Se os nossos estadistas estivessem penetrados d'esta doutrina não chamariam intolerante o proceder do parochio da Sapucaia, e tão pouco aconselhariam a profanação dos nossos cemiterios.

Pelo que tenho acabado de expender, julgo ter provado que a politica religiosa do ministerio de 7 de março, e sobretudo do honrado sr. presidente do conselho, tem sido uma politica desacertada, e nenhuma razão séria a justifica. Espero que s. ex.<sup>a</sup>, bem penetrado de sua missão, tome melhor caminho e harmonise sua posição de presidente do conselho d'um paiz catholico com as crenças d'este paiz.

Acho-me mui fatigado, sr. presidente, não querendo embarçar por mais tempo a votação d'esta discussão, ponho aqui termo ao meu discurso, solicitando do senado perdão de ter por tanto tempo occupado sua attenção; mas não podia de outro modo proceder, porque tinha a cum-

prir uma obrigação de consciencia como catholico, e ainda outra como membro d'esta casa que deve zelar a observancia de nossa constituição.

Tenho concluido. (Muito bem).

#### Carta do Tio Simplicio a seu sobrinho Nicolau.

Comtigo zangado, sobrinho, não 'stou. Quem tal inventou ó meu Nicolau?

O tempo vae mau, não pude escrever, nem tambem colher de França noticias vasconças galizias de muita importancia.

A tia Constancia dançou de contente ao vér que o valente, audaz Moriones sujara os calzones fugindo d'Estella.

Já corre a balela que D. Castellar lh'os manda limpar por Concha famosa. Diz a mana Roza que a liberalada está mui zangada com dóres de barriga; acaba a bexiga dos parlamentares; baqueiam altares da deusa Razão.

O Mac-Mahon que é bom general vae o funeral da triste Communa ven cedo aprestar. Sem muito tardar (nem ha que pôr dique) Um quinto Henrique na França desespera; mas quem desespera com estas mudanças são loiras creanças que Olissipo tem.

Em Braga andou bem a festa famosa da gente brioza filha de Minerva. Foi magna caterva de vivas frementes altivos ingentes ao meu Portugal! Que festa real! Que grande extasi a festa que vi dos bons estudantes!

A terras distantes um brado chegou que disse: Inda sou o luso qu'ostenta ha lustros quarenta com sete, o pendão que El-Rei D. João herdara d'Henrique.

São moças de chique as nossas Marias; (como tu querias) tamanco forrado, colete apertado; mas sem espartilho, fino capotilho nos hombros deitado.

Eu ando zangado por não ser da lista pois um camarista queria ser este anno: cazaca d'abano a dois de janeiro levaria arteiro o tio Simplicio.

Contou-me um patricio, da bande d'além, que o anno que vem vae ser abundante. Que muito tratante do mundo de Christo por nós será visto nos filhos da luz.

Aqui não reluz o brilho das libras, esticam as libras e'o frio que faz. Annaz e Caiphaz Pilatos, Herodes, sobrinho, bem pódes fazer deputados.

Franguinhos assados e bom camarão d'elles comerão teus filhos e filhas, pelas alentilgas trocou Esaú aquillo que tu jámais trocarias,

pelas aforrias da carta chalaça, teve a populaça no bolso sopapo: só p'ra guardanapo póde hoje servir, pois já querem ir aos lombos da pobre.

Adeus, ó meu nobre sobrinho Nicolau, esquenta-se a bola pensando no mundo. Eu 'stou a dar fundo já velho e cansado; deixo-te o legado do mundo zurzir; Espero hasde vir na festa dos Reis comer dos pasteis, badejo e melaço. Recebe um abraço, sobrinho e patricio do

Tio Simplicio.

#### Noticias de Hispanha.

(Correspondencia particular)

Bayona, 24 de Novembro.

Meu presado amigo

A causa carlista está em muito melhores circumstancias do que por ali se imagina. Por toda a parte se lhe dá uma importancia inteiramente diversa do que calculadamente lhe dão os jornaes liberaes. Eis por que amordaçaram a imprensa legitimista.

O sr. D. Carlos tem 60:000 homens em armas nas diversas provincias, perfeitamente armados, uniformizados e disciplinados. A infantaria é incomparavelmente melhor do que a do exercito, e esta superioridade lhe dá todas as vantagens que tem tido em todos os combates, visto que os nossos generaes não aceitam combate aos republicanos onde possa com vantagem jogar a artilheria e a cavallaria, armas em que estão superiores. E em quanto o exercito real de dia para dia melhora de condições, a tropa do governo cada vez mais se insubordina.

A batalha de Monte Jurra, da qual Moriones fez a mais descarada e mentirosa descripção cantando victorias, foi o mais completo destroço, a mais vergonhosa derrota para o fanfarrão da republica.

Tres dias durou o combate. No primeiro atacou Moriones não as posições carlistas, mas somente as fortificações intermediarias. Os nossos em todas as posições estavam perfeitamente parapetados, em quanto que os republicanos lançando-se nas planicies ficavam a descoberto. Elio, que commandava a acção, entreteve o inimigo com o mais nutrido fogo, em quanto dispoz as coisas do melhor modo, pois que eram pouco mais ou menos 20 mil homens os de Moriones e os nossos tinham apenas 8 mil com 5 peças e uns 200 cavallos, tendo ficado o resto da força de guarnição em Estella.

Ao segundo dia, depois d'algumas horas de combate, Elio fez que fossem evacuando os nossos as fortificações intermediarias e engrossando os flancos, para facilitar a passagem a Moriones, que em massa avançava como quem já se julgava em caminho de Estella, julgando que as forças que se retiravam lhe cediam campo para o triumpho.

Ao terceiro dia, porém, mal rasgou a manhã, viu Moriones coroado de carlistas todos os montes em redor, e reconheceu haver cahido na ratoeira. Mandou pois, retirar a toda a pressa, e esta retirada fez-se na maior debandada, abandonando aos nossos muitos dos seus feridos, munições de bocca e de guerra, e 23 prisioneiros. Moriones teve 1:500 homens fóra do combate, nós tivemos uns 260, na maior parte com ferimentos leves. Esta differença é devida ás posições que occupavam. Os nossos foram picando a retirada até grande distancia; porém, Elio não quiz deixar avançar muito as nossas forças por que lhe faltava cavallaria. Ao contrario, teria sido uma victoria decisiva e estaria Moriones em nosso poder.

El-Rei assistiu com a maior serenidade a todos os combates, acompanhado unica-

mente de uma ordenança. Ao voltarem as tropas a Estella é indisciplinável o entusiasmo do povo; porém, quando chegou El-Rei, não podem as palavras dizer o que se passou alli de delirante alegria.

Os soldados da republica estão em circumstancias de se não baterem tão cedo com os nossos, porque se apoderaram do maior panico, pois dizendo-se-lhes que vinham bater guerrilhas, se encontraram com um exercito perfeitamente organizado e aguerrido.

Estão-se montando fabricas para armas, e trata-se da compra de cavallos, que é difficil porque escasseiam muito por estes pontos. Hontem chegou aqui um carregamento de armas, que passaram sem a menor difficuldade.

O Sr. D. Affonso volta a tomar o commando das forças da Catalunha, até que Cabrera venha, o que se espera com fundamento. Aqui vae estabelecer-se a nossa marinha. Temos já comprados 4 excellentes vazos.

D'este seu muito amigo

B.

Da carta de Madrid para o «Direito»:  
Madrid, 29 de novembro de 1873

Continuam a ser muito favoráveis ao movimento carlista todas as noticias que se recebem das provincias.

Nas Asturias tornou a iniciar-se o movimento, e puzeram-se á sua frente Rozas, Santa Clara, Valdez, Mendiri e outros que tem ás suas ordens uns 300 homens. As ditas forças desalojaram no dia 26 do termo de Rio Altez e Peñona de La Hoz uma columna da guarda civil, causando-lhe mortos, feridos e prisioneiros.

Tambem em Villar d'Ares no Maestrazgo, o capitão general de Valencia foi derrotado por alguns batalhões carlistas, commandados por Cucala, Vallés, Segarra e outros chefes.

No Aragón continuam a crescer por modo extraordinario os carlistas em armas, os quaes receberão dentro de pouco tempo 6 mil armas, compradas no estrangeiro.

Gamundi, segundo as ultimas noticias, tinha entrado em Uncastillo e cobrado a contribuição.

Marco de Bello, que entrou na importante povoação de Daroca e desarmonou os voluntarios republicanos de varias povoações, suppõe-se que agora anda de combinação com Santés, para se apoderarem de Guadalajara, cidade capital de provincia, muito proxima de Madrid.

Marco, Polo e Madraz occupavam ante hontem uma extensão de umas 7 leguas na ribeira do Jiloca.

Esta linha prolongar-se-ha até Calamocha com as forças de Cucala, e até Murezo com as de Madrazo, podendo correr todas as columnas carlistas para Teruel ou Calatayud.

A expedição de Santés ás provincias de Cuenca e Guadalajara, continúa sendo muito afortunada.

O dito chefe entrou no mais importante povo das provincias sem obstaculo algum. De Huete, Tacedon, Tarazona, que está a 14 leguas de Madrid, e outros povos, levou muito dinheiro, cavallos, e outros effeitos de guerra.

Santés traz 5 mil infantes e 300 cavallos.

—Hoje vi uma carta do Norte d'um querido amigo meu, que diz hoje ou amanhã disporão os carlistas biscainhos de numerosa artilheria para continuar o cerco de Bilbao, que não tardará a render-se.

Tambem diz que um lavrador navarense fundiu uma magnifica peça de artilheria, que com grande admiração dos officiaes de artilheria, tem dato excellentes resultados. A mesma carta affirma que Loma não pode entrar em Tolosa, onde ha uma miseria horrivel.

De um momento para outro espera-se que esta cidade se renda.

As folhas de Bilbao ultimamente recebidas, dão conta de novos desembarques d'armas feitos pelos carlistas, assim como oito peças, sendo quatro d'ellas Krupp.

Eis as palavras textuaes do jornal hydrophobamente liberal o «Iruac-Bat», de Bilbao:

«Tem-se como certo, e não ha razão para duvidar, em vista da facilidade com que se tem feito d'outras vezes, que os facciosos receberam pela costa um novo carregamento de material de guerra, que diz consiste principalmente em oito peças, quatro d'ellas Krupp.»

A mesma folha diz:  
«Todas as partidas da Biscaya acham-se reduzidas nos arredores da capital a to-

do o longo da ria em ambas as margens e na extensão da praia.

E' assim que a força carlista que guarnecia Asua se augmentou com varias companhias de Velasco, e pelo lado de Deusto e de Albia tambem se augmentaram, descendo os barrancos de Caba e S. Mañoel, até o desfilamento de Salve, cuja avançada liberal é molestada de continuo.

Comprehendendo Velasco a difficuldade do sitio da praça, dadas as condições de defesa d'esta, o cruel da estação que passam, mandou construir barraças de terra bem cobertas para abrigo dos chefes absolutistas.»

—Moriones continúa em Peralta sem fazer nada. Parece que entre o seu exercito se tem declarado terriveis epidemias de typhos, bexigas e sarna.

D. Carlos estava em Durango, a pequena distancia de Bilbao, segundo as ultimas noticias.

Pelo conselho real de fazenda se emitiram bonus na razão de cem milhões de reales para os gastos da guerra. Estes bonus vencerão o juro annual de 6 por cento. Dividiram-se em series de cem, quinhentos, mil, dous mil, vinte mil e cincoenta mil reales. Os bonus serão assignados pelos condes de Fauro e da Florida, commissarios regios auctorizados para esse fim. O thesouro real arrecadará e pagará os expressados bonus por sorteios semestraes durante os 5 primeiros annos seguintes á pacificação do reino. Esta vida será considerada privilegiada.

Concluirei esta carta com os seguintes paragraphos, extrahidos do «Quartel Real»:

«Ha poucos dias uma secção de forças reaes incendiou, por assim o considerar necessario, dentro das leis de guerra, a estação de Milagro, na via ferrea de Saragoça a Pamplona. A imprensa liberal, segundo o costume, calumnia os nossos, imputando-lhes ter queimado a casa do chefe da estação, quando a verdade é que não queimaram cousa alguma pertencente aos empregados, ao que se acrescenta que ainda que a empreza tinha alli algum dinheiro não quizeram tomal-o.»

—«Dos 200 voluntarios republicanos do batalhão de Nouvilas que estava em Frios, na provincia de Burgos, desertaram a maior parte porque ia passando o tempo e nunca chegava a ajuda de duas pesetas que tinham para receber.»

—«Eis aqui tres factos que ainda que debilmente e entre mil que a cada passo poderiam citar-se, reflectem o admiravel espirito d'estas provincias, que é o de todos os bons hispanhoes:

N'uma povoação da Navarra perguntavam ha poucos dias a um menino de 11 annos uns forasteiros:

—Quando apanhas uma arma e vaes para os carlistas?

O menino sem vacilar e com a segurança de quem já tem uma resolução tomada, respondeu:

—Assim que fizer 13 annos.

Esses mesmos forasteiros encontraram em outra povoação uma senhora cujos tres unicos filhos eram voluntarios de D. Carlos. Conversando sobre o assumpto, perguntaram-lhe se seus filhos estavam nas fileiras com consentimento d'ella, e a resposta foi:

—São filhos muito obedientes, e se eu fôra homem estaria com elles.

Um velho tambem da Navarra tinha no exercito de Moriones um filho, pedaço do seu coração e esperança da sua velhice, a quem esses enganadores do povo, que na opposição não se fartavam de clamar contra os recrutamentos, logo que subiram ao poder, tinham arrancado do lar domestico e vestido e armado de soldado para o obrigar a bater-se contra os seus patricios e amigos, contra a sua familia, contra a sua fé e contra as suas mais intimas e sagradas affeições.

Esse mancebo foi ferido por uma balla liberal, porque dos liberaes acreditaram que era carlista, na batalha de Monte Jura; mas coube-lhe a boa sorte de ficar nas mãos dos carlistas. Quando o conduziam ao hospital, acompanhava-o seu pae, e como o ferido experimentasse grande dôr porque o pae o visse ferido, disse elle ao ferido:

—Consola-te meu filho, que mais te quero morto aqui do que são no outro campo.»

## SECÇÃO NOTICIOSA

### EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes pedimos desculpa de lhes darmos

o nosso periodico em menor formato.

A falta de papel proprio obriga-nos a tal expediente.

**Secretario do Lyceu.** — Sentimos que o illustrado professor o exc.<sup>mo</sup> sr. padre Julio Celestino da Silva, lente de Historia n'este lyceu, pedisse a sua exoneração do logar de secretario.

Desempenhou dignamente o cargo que lhe tinha sido confiado; e da parte da classe escholar, e de todos, não ha senão elogios merecidos para o distincto secretario e illustrado professor porque foi sempre um cavalheiro.

Custa-nos, e muito, que os motivos por que s. exc.<sup>a</sup> se viu obrigado a pedir, e até a exigir, a sua demissão, fosse o seu mau estado de saude.

Folgamos que s. exc.<sup>a</sup> goze as melhoras que espera e que nós do coração e d'alma lhe desejamos.

Ficou, interinamente, secretario o muito intelligente e bondoso professor de Latim, no mesmo lyceu, o exc.<sup>mo</sup> sr. João Manoel Moreira. E' dignissimo para desempenhar o logar que lhe tocou por ser o mais novo dos professores.

**Novena da Conceição.** — Continúa a ser muito concorrida a novena que á Immaculada Conceição se celebra no Carmo, ás 3 e meia horas da tarde. Hoje, amanhã e domingo ha pratica na mesma.

**Brados d'Alma.** — Breves dissertações sobre assumptos de religião, philosophia e litteratura.

—Diz o «Bem Publico» — Anunciando n'um dos anteriores numeros do nosso semanario o livro com este titulo, devido á christã e bem aparada penna do sr. doutor Custodio Veloso, promettemos lel-o o dar mais d'espaco conta aos nossos leitores das impressões que recebemos, expondo o nosso juizo com verdadeiro conhecimento de causa.

Não foi um vão cumprimento nem uma promessa illusoria o que fizemos. Temos lido com effeito, se não todo (por nullo impedirem os muitos trabalhos) uma boa parte d'aquelle precioso volume, e já nos parece bastante, e até de sobra o que havemos lido para nos remover a dar consciões parabens ao illustrado auctor dos *Brados d'Alma*, que sabe pensar, pensa bem e diz o que pensa; aos assignantes do seu livro, que não foram explorados, nem d'esta vez cahiram victimas de certa industria muito em moda, recebendo pechisbeque por ouro de lei, como muitas vezes acontece; e a quem mais? Adivinhem! — A' Universidade de Coimbra, que talvez não esperasse (e a fallar a verdade não sabemos se teria direito a esperar) ser honrada de tal maneira por um de seus filhos nos tempos que correm.

Ainda bem, que se muita coisa boa entrada em Coimbra para ali degenerar ou se preverter, nem tudo quanto de lá sae é mau.

Os *Brados d'alma*, escriptos por um joven academico, quando breve estava a concluir o seu curso universitario, são bons não ha que duvidal-o. A orthodoxia cremos que nada terá a reprehender: a critica severa apenas encontrará algum pequeno descuido, ou algum ponto de doutrina controversa em que debique.

O livro divide-se em tres partes: — *Religião, philosophia e litteratura*. Na primeira parte são notaveis os artigos a *Civilisação christã, o Racionalismo, a Noute de S. Bartholomeu, Estudos Biblicos, e a Oração* com o seu complemento *Deprece-mur faciem Dei*.

Foi a parte da obra que lemos com mais attenção, como é natural.

Na segunda parte, o *Fundamento do direito natural* e o *Eclectismo philosophico*, com suas notas supplementares, especialmente a que trata de Jouffroy, tambem muito merecem ser lidos.

Para que se veja como pensa o auctor sobre a questão social religiosa que mais agita presentemente os espiritos remataremos este pequeno artigo com o seguinte trecho da pag. 82:

«Ao centro da catholicidade alvejam os arietes com que pretendem apagar a cidadella da Fé; e quando já se não podem suster por mais tempo, na impaciencia das suas bacanaes, não esperam que o Pontifice saia ao atrio para lhe dizerem o *ave rex!* e corral-o de espinhos; intimam o proprio principe da Synagoga para que lhe descarregue a bofetada, e transforme a sede da religião de homens livres em captivo do Vigario de Christo, proclamando, aos quatro ventos da terra, esta lenda pungente de d'escarneo: *O Vaticano está desaffrontado de temporalidades!*»

«São, pois, chegados dias tremendos de tremenda provação.»

«Passeiam offegantes d'orgulho e vergando ao peso de iniquidades, as purpuras roçagantes dos usurpadores nas ruas de Roma. A independencia da Igreja Catholica está atacada na mão do seu chefe supremo, aos copos da espada, que lora abatida e envergonhada em Custozza e Lissa, mas que se tornou altiva e arrogante perante a resistencia valorosa e heroica sim, mas insufficiente da Porta Pia.»

**Perseguição aos bispos na Alemanha.** — O arcebispo de Posen, repetidas vezes condemnado pelos tribunaes civis prussianos, manifestou as razões que o impedem de pagar as multas que lhe foram impo-tas, expondo que, pagando voluntariamente, poderia acreditar-se que reconhece a legitimidade das sentenças que contra elle recaíram.

Por outra parte, havendo-o privado o governo do seu ordenado episcopal, ver-se-ia obrigado a recorrer á compaixão de seus diocesanos para remir as quantidades que se lhe exigem.

Que póte fazer em tal situação o governo prussiano contra o eminente prelado? Encarcelal-o, em conformidade com a lei, e senão desterral-o. Para o desterrar ainda não está auctorizado, mas assegura-se que o principe de Bismark trata de conseguir que o parlamento vote uma lei para esse fim. (Palavra)

## ANNUNCIOS

Paulo José Lopes da Costa, rua Nova n.º 44, faz publico que mandou abrir da loteria de Hespanha de 6 de Dezembro os n.ºs 9:788 e 9:789, e por engano lhe abriram os n.ºs 7:988 e 7:989, e por isso pede aos portadores das ditas cautellas que as venham trocar por outras ou receber o seu importe, do contrario ficam sujeitos aos n.ºs de cima, que são os verdadeiros. (145)

## SOCIEDADE DEMOCRATICA LECREATIVA

Domingo 7 do corrente ás 7 horas da noute, haverá concerto. (146)

## DECLARAÇÃO

Manoel José de Faria Junior, proprietario do café Bracarense estabelecido debaixo da arcada do campo de Sant'Anna d'esta cidade, previne expressamente ao publico e todos os seus correspondentes que o seu nome é o que acima se acha indicado, e por isso que lhe consta que n'esta terra ha mais que um individuo que se chama Manoel José de Faria, declara solemnemente por meio d'este annuncio que protesta contra todo e qualquer abuso que se dê proveniente de haver em Braga nomes eguaes para clareza do que se assigna com o nome que usa em todos os seus contractos.

Braga 15 de Setembro de 1873.  
(1-145) Manoel José de Faria Junior.

## NOVA RELOJOARIA

Abriu-se na rua das Agoas n.º 92 A, onde se vendem e concertam relógios por preços modicos. Garante-se a perfeição do trabalho. (d-140)

## MACHINAS DE COSTURA

Na rua das Agoas n.º 92 A, ha uma pessoa competentemente habilitada para dar lições de machina e concertal-as. Preços modicos. (d-141)

## AGENCIA EM MACAU

Caldeira & C.<sup>a</sup>

Tem estabelecimento na rua Central, n.º 28, aceita consignações, e incumbem-se de negocios nas repartições publicas e no foro judicial, e de transferencias de dinheiro entre Portugal, Macau, Hong-Kong e outros portos da China.

Dão-se informações, em Lisboa, rua Augusta 95, e no Porto, rua da Fabrica, 27 a 31.